ANNO 4.º — Sexta-feira, 21 de Julho de 1911 — NUMERO 179

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSIGNATURAS (pagamento adiantado)

Anno (Portugal e colonias) . . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . . 600 réis
Brazil e estrangeiro (anno) moeda forte . . 2$500 réis
Avulso . . . . . 20 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRACÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
—(*)—
Propriedade da Empreza do DEMOCRATA

Officina de composição, Rua Direita—Impresso na typographia de José da Silva, Largo do Espirito Santo

ANNUNCIOS

Por linha . . . . . 40 réis
Communicados . . . . . 20 réis
Annuncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Cynicos e criminosos

De todos os miseros conspiradores que por esse paiz fóra estão a ferros, esperando a liquidação dos seus crimes, nenhuns mais repugnantes e infamemente cynicos, merecedores de todo o rigor da lei, como esses que, para vergonha d'esta terra, tambem a conspurcaram inteirando-se n'essa torpeza. O plano geral não passou, é certo, d'um simples esboço mas deixou ver todavia a enorme grandeza do crime que, factos alheios e superiores á vontade de todos esses bandidos não os deixou consummar.

E dizemos que nenhuns mais merecedores do maximo rigor da lei do que aquelles que aqui se conservam encarcerados, por que teem elles uma historia que conhecida em todas as suas minudencias, apaga completamente a mais leve sombra de piedade que possa haver para esses monstros, a mais pequena parcella de complacencia para esses bandidos.

Quando após a proclamação da Republica, os seus partidarios, todos nós, esquecendo aggravos tão profundos quanto injustos, recebidos da monarchia e nomeadamente n'este districto, velho feudo do *caciquismo*, limitavamos o nosso triumpho ás intensas manifestações d'alegria e de regosijo a que nos entregámos, conscios de que a isso se limitaría a grande *révanche* que os republicanos tirariam na hora suprema da sua victoria e que ainda abraçariam sem rebuço os seus velhos e rancorosos inimigos, esquecendo-lhes as violencias, acreditando-os sem receio, pelas exterioridades das suas fingidas manifestações, teve logar essa farça de que todos nos lembramos respeitante á adhesão do ridiculo e mediocre conde d'Agueda, acolitado pelo *Xandre* e outros de egual jaez, que suppozeram boa a maré para, fazendo-se republicanos, não perderem o valor das suas individualidades, mantendo-o a dentro do partido que tanto combateram. Seria só mudar de nome e nada mais.

Foi, porém, tão nojenta, tão baixa e réles aquella desfaçatez, aquelle impudor, que o partido republicano repelliu a *una voce*, a um gesto unisono, tal camaradagem.

Desapontados e corridos, a attitude dos republicanos foi aviso para outros que na sombra observavam os acontecimentos e d'elles colheriam o indispensavel ensinamento para os seus processos a seguir.

Não era por certo com uma nova tentativa de adhesão, que os francaceos se inteirariam a dentro do organismo republicano, como o tinha tentado fazer a frandulagem progressista, de *nobre* conde á frente.

Procurou-se então outro caminho, enveredando pela obtenção d'alguem que superintendendo na administração superior do districto, os chamasse a si em detrimento e anniquillamento dos verdadeiros republicanos.

E' nesta altura que nos apparecem os francaceos, mascarados com o rotulo d'associação commercial, fazendo convites e trazendo muzicas para na *gare* receberem aquelle famoso cirurgião dos hospitaes, que por artes de *berliques e berloques* fôra feito governador civil d'este districto.

Acompanhado, é certo, por pessoas da mais alta cotação politica e revolucionaria, sendo a sua primeira visita ao Centro Republicano onde foram feitas as mais cathegoricas declarações e affirmativas, sem que comtudo o cirurgião abrisse bico, estamos ainda por saber, segundo os factos consequentes, se havia algum pacto para nos ludibriar ou se o cirurgião, na phrase vulgar, a todos *comeu* sem exceptuar os seus proprios companheiros apresentantes.

O facto, porém, é que o referido cirurgião, rodeado *in continenti* pelos francaceos, logo desvendou o seu plano traiçoeiro e de tal forma clara e inequivoca que dado o signal de alarme o *bicho* não teve outro caminho a seguir senão abandonar o cargo e pôr-se em logar seguro.

Mais uma esperança perdida.

Não desistiram, comtudo, os farçantes nos seus esforços e um novo plano se principiou d'executar.

Constituiu-se um grupo que elles chamaram *democratico* composto de toda a sucata monarchica francacea-progressista, com o Christo á frente, feito pastor de aquelle ignobil rebanho, que tinha como redil um Centro, onde todos, n'aquella *extraordinaria ardencia de puras convicções republicanas*, se reuniam a discutir e a estudar os problemas locaes e geraes da politica portugueza!

A malandragem!

Aberto o fogo na imprensa republicana contra o coio, cynica e falsamente chamado *democratico*, com o Christo e Jayme Duarte Silva, irmãos gemeos, de mãos dadas, a dirigil-o; recordando o passado d'esses bandidos e salientando a mentira das suas declarações, que a presença d'esses homens bastava para justificar; Jayme Duarte Silva comprehendendo a falsa situação que lhe trazia a juncção do faccinora, seu companheiro, fingiu desligar-se d'este, catechisando um vaidoso, que se sentiu humilhado porque a Republica lhe não déra uma posta ministerial em paga do seu discurso em Cacia, unico serviço prestado ao partido, e publíca um jornal, que elles ignobilmente chamam *Justiça*, e que apenas nos dois numeros que viram a luz da publicidade, ficou mais que o sufficiente consignado, para nos habilitar a dizer as palavras com que abrimos este artigo: de todos os miseros conspiradores que por esse paiz fóra estão a ferros esperando a liquidação dos seus crimes, nenhuns mais repugnantes e infamemente cynicos merecedores de todo o rigor da lei, como esses que para vergonha d'esta terra tambem a conspurcaram inteirando-se n'essa torpeza.

Habilita-nos a isso as declarações e as palavras que elles escreveram e publicaram, affirmando não só a *lealdade* aos principios republicanos, mas ainda, e aqui principia na maior dóse d'infame e repugnante o seu repellente cynismo: *que bem conscios e absolutamente seguros estavam de que a mais leve tentativa de restauração monarchica, seria o maior crime que por ventura se praticava, porque tal facto não só traría a guerra civil inevitavel como até a perda da nossa nacionalidade.*

Batidos sempre e repellidos do seio do partido republicano, evidenciando claramente os seus estinctos e os seus fins, cuspiram, apezar de tudo, sobre nós as maiores affrontas, repellindo com apparente revolta a denominação de *monarchicos* que lhes davamos e que elles nos queriam convencer, de que o não eram, quando um gesto decidido e prompto do nobre governador civil dr. Rodrigues, os reduziu ao *nada*, terminando a papeleta a sua publicação e dissolvendo-se, como pedra de sal em agua, o famoso centro *nacional democratico*.

Aniquillado o seu ultimo estrategema e desfeita ainda, esta ultima habilidade; reconhecida a absoluta impossibilidade de illudir-nos, desvanecida a esperança tantas vezes demonstrada nas cathegoricas affirmativas pela bocca do proprio Jayme Duarte Silva da sua elevação ao desempenho das funcções dos diversos cargos, que á falta d'homens e de vergonha, esse misero desempenhára, o que fazer?

A villeza d'aquelle espirito respondera á pergunta do falso patriota, de portuguez traidor.

Conspira—accordou-lhe a consciencia putrefacta e mephitica.

Eu disse que era um crime essa tentativa, crime merecedor do maior castigo.

Mas não o disseste do coração, que o não tens, disseste-o mentindo, como muitas mentiras tens dito sempre. O fim justifica o meio.

E então, o misero, chamou os seus logares tenentes, que o acompanham na prisão, e pintou-lhe o quadro: Paiva Couceiro, seguido de hespanhoes, belgas e traidores genuinamente portuguezes, invade a fronteira. Chacina-se, incendeia-se, mata-se traiçoeira covardemente, aqui, ali em toda a parte.

Entre o estertor das victimas e as lagrimas dos sobreviventes proclamaremos a monarchia e ahi, de novo, seremos nós o governo, a auctoridade, o mando.

A eterna illusão do criminoso que a primeira pessoa a ser illudida é elle proprio.

. . . .

Eis porque, para esses criminosos, conhecida a sua historia, a sua reincidencia no crime, por tantas e tão variadas vezes tentado, não póde haver a mais leve sombra de piedade, a mais pequena parcella de complacencia! Não, porque então os criminosos seriamos nós.

E isso nunca!

O ASYLO

A respeito d'este momentoso assumpto, que aqui temos tratado, o *Campeão*, a quem laços de familia ligam o seu redactor á directora do referido estabelecimento, depois d'uma catilinaria do tamanho da legua da Povoa, onde diz que sim, que não, e antes pelo contrario, acaba-a affirmando que *confia nos generosos sentimentos da justiça em que o illustre magistrado se inspira, sabendo conduzir todos os seus passos na administração do districto e não obrará de leve, á simples razão d'uma denuncia.*

Nem mais, nem hontem.

Bastaria ter escripto essa meia duzia de palavras e teria dito tudo sobre o assumpto.

Hay que distinguir, todavia.

Não houve denuncias, nem cousa semelhante, feitas ao sr. governador civil.

A admissão da freira do extincto convento de Ilhavo n'aquella casa, admissão que representou influencias disfarçadas de velhos *caciques*, as demonstrações immediatas do seu fanatismo religioso manifestadas no desempenho das funcções a seu cargo, irritou e offendeu a opinião liberal da cidade, de que nos tornámos écco, sendo ainda mais aggravada a situação com uma manhosa defeza que a tal freira tentou fazer e que foi, ninguem nos convence do contrario, obra dos seus protectores.

Sendo o caso apurado pelo sr. governador civil, d'ahi se passou a referir outras coisas, embora com o conhecimento de quem logo lhes deveria ter posto côbro, defenindo situações e impondo obrigações.

Não se fez, porém, assim e foi-se fechando os olhos, para o que se os deveria ter muito abertos, resultando como consequencia, quanto se fazia com reserva, passar-se a fazer sem receio. A situação actual, não póde corresponder á passada, consentindo que se continue mantendo, contra o decoro d'uma casa d'aquella ordem, referencias a actos e a factos, absoluctamente inadmissiveis e intoleraveis, e o sr. governador civil não quer, e honra lhe seja, partilhar de tal responsabilidade, conhecendo e consentindo o actual estado de cousas.

Foi por estas razões que se ordenou o inquerito, que será realisado dentro da mais absoluta legalidade e amplitude de averiguação e de defeza.

Deus nos acuda se assim não fosse.

O *Campeão* sabe muito bem, como nós, que a actual situação é insustentavel dentro das condições em que ella decorre n'um estabelecimento da natureza do asylo.

Ninguem quer perseguir, como se não quer perder ninguem. Eis a resposta que por hoje lhe temos a dar.

O NOVO JUIZ

Tomou posse, entrando desde logo em exercicio, o sr. dr. José Elysio da Gama Regalão que, como juiz da comarca de Leiria, cujo logar exerceu durante seis annos, vem precedido da melhor fama pela rectidão e independencia com que sempre obrou.

O *Democrata* cumprimenta s. ex.ª

Festival

Promovido pelo Batalhão de Voluntarios da Republica, effectua-se no domingo, no Passeio Publico, uma attrahente festa nocturna em que tomará parte a banda regimental, além d'outros elementos com que a commissão conta.

CONSPIRATAS E CONSPIRATEIROS

O "complot,, d'Aveiro

Apuramento de responsabilidades —Os presos—Notas de reportagem

Prosegue o sr. dr. Costa Santos, juiz de investigação nomeado pelo governo para inquirir das responsabilidades dos presos implicados no crime de traição á Patria, no seu fatigante trabalho de tudo esclarecer tratando principalmente dos interrogatorios dos mesmos, alguns dos quaes teem sido importantissimos e de alto valor para a descoberta do infame attentado, que, de combinação com as hostes aguerridas do destrambelhado Paiva Couceiro, do bandido Homem Christo e do famigerado padre Gonzaga, se propunham pôr em pratica contra os que toda a vida defenderam a Patria e a Republica, com a pretenção stulta de novamente se apoderarem das arcas do thezouro, que não souberam administrar, ou da vara do mando, que sería a maior das affrontas se porventura chegassem a empunhar depois de, á sombra d'ella, terem praticado todos os abusos que se sabem, actos indignos, tropelias, desmandos, tudo, emfim, quanto lhes vinha á cabeça ou lhes era sugerido por quaesquer influencias estranhas. Não, isso não pode ser. E' preciso que Aveiro se emancipe da tutella que tanto a vexou, escorraçando, se preciso fôr, os que por qualquer forma ainda tentarem mostrar-se como *senhores* d'isto, com aquella desvergonha caracteristica e atrevimento que n'elles era peculiar.

O reinado dos *Mijaretas* e do *D. Manuel Lopez*, tambem conhecido por conde d'Agueda, acabou. Os republicanos d'Aveiro nem os consentem no seu gremio, nem com elles podem jámais ter ligações. Deram o que tinham a dar; provaram exuberantemente os sentimentos de que são dotados, embora neguem que não tenham entendimentos com os renegados de Hespanha e seus aliados de Portugal.

A innocencia de Jayme Silva!

A candura do *Mijareta* em querer convencer de que todas as pistolas que vieram para Aveiro e cujo numero deve ser superior a 100, eram apenas para *sua defeza* e só para isso! Extraordinario *Mijareta!* Mas não diz a mesma coisa o marceneiro Firmino Fernandes que, senhor de parte da trama em que o amigo o envolveu, tudo confessou com precisão, divulgando o segredo da conjura e os que n'ella entravam para dar caça aos republicanos, introduzindo assim, como deseja Paiva Couceiro, a confusão, a hesitação, o enfraquecimento, nas medidas de defeza que o governo está procurando adoptar.

O *Mijareta* é muito esperto, mas estamos convencidos de que a sua esperteza e a sua rabulice não lhe valerá de nada para este caso gravissimo de que se trata.

A não ser que o famoso advogado da rua do Sol consiga que o Firmino Fernandes tome sobre si todas as responsabilidades e se apresente como chefe do *complot*, seu inspirador, seu guia, e até como comprador das pistolas para *defeza* do sr. doutor!...

De resto estamos em crêr que tudo se esclarecerá dentro em pouco, como acima dizemos, e que ao sr. dr. Costa Santos, como magistrado intelligente que é, nada escapará que se relacione com o crime urdido pela thalassaria indigena de mãos dadas com o *pulha d'Aveiro*, pulha maximo de todos os pulhas e malandros.

E' só uma questão de tempo.

DR. MANUEL ALEGRE
(Deputado por Aveiro ás Constituintes)

Mais prisões

Nas cellas do convento de Jesus deram entrada esta semana o guarda civil n.º 41, **Bernardino dos Santos Silva** e o industrial **Arthur Trindade** sobre quem recaem suspeitas de connivencia na conspiração contra as instituições. Ficaram incommunicaveis e guardados á vista, tal qual succede aos restantes companheiros que na mesma casa se encontram.

Um hespanhol

Disse-se que o preso Alberto Catalá havia declinado a sua qualidade de hespanhol no acto da captura, o que admirou toda a gente visto esse cavalheiro se ter salientado algo na politica local chegando quasi a desempenhar cargos publicos que só a portuguezes pode-

riam ser dados. Este facto fez com que revolvessemos o *Diario do Governo*, onde nos constou ter vindo publicado um decreto sobre a sua naturalisação de subdito portuguez, o que realmente aconteceu no n.º de 3 de Setembro de 1909, está a fazer dois annos.

E' do theor seguinte:

MINISTERIO DOS NEGOCIOS DO REINO

2.ª *Repartição*

Para os devidos effeitos se publica o seguinte despacho:

Concedida a Alberto Antonio Marianno Miguel, tambem conhecido por Alberto Catalá, hespanhol, residente em Aveiro, a naturalisação de subdito portuguez, a qual só terá effeito depois de registada a respectiva carta nos termos do artigo 21.º do Codigo Civil.

Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, em 3 de Setembro de 1909=(a) *Arthur Fevereiro.*

Este decreto parece-nos que é de natureza a desaparecerem todas as duvidas. Entretanto, estamos como o nosso collega *A Liberdade*: apure-se a valer esse negocio e se na verdade o Alberto Miguel é hespanhol, fóra com elle que não faz cá falta.

Para envergonhar Aveiro basta a praga dos *Mijaretas* e dos *Capirotes*, que já não é pouco.

Em liberdade

O sr. dr. Costa Santos, depois de minucioso interrogatorio, ordenou que fossem restituidos á liberdade os srs. Evaristo Rodrigues, Albino Pinto de Miranda, Joaquim Fernandes da Silva, João Trindade e Antonio Valentim Pedrosa, por nada se apurar que os compromettesse.

De regresso

Vindo do Porto, foi posto á ordem do juiz de investigação o secretario particular de Homem Christo e administrador do *Pulha d'Aveiro*, detido aqui pelos *carbonarios* n'uma noite e em sitio que causou desconfianças. Tinha ido áquella cidade prestar declarações perante a auctoridade competente, declarações que se prendem com o mesmo crime de que é accusado em Aveiro.

Recolheu ao convento, onde a guarda continua a ser feita por uma força de sargento e policia civica.

O calor

Ha duas semanas que temos estado debaixo d'um calor abrazador mal se podendo sahir á rua de dia, que se não comece logo a distillar.

Bem sabemos que estamos no tempo proprio, mas, como o outro que o diz, o que é de mais farta depressa.

BATALHÃO DE VOLUNTARIOS

Teem continuado diariamente os exercicios do batalhão aveirense dos Voluntarios da Republica sob o commando do seu dedicado e habil instructor, sr. alferes Leite, auxiliado por outros officiaes e sargentos de infanteria 24, sendo notavel o que no domingo de madrugada se effectuou na estrada de Angeja onde o referido batalhão manobrou em ordem extensa e dispersa, simulando combates, defezas e ataques de varias posições, o que produziu um bello effeito.

Este exercicio foi commandado pelo sr. capitão Pedreira, apresentando-se já bastantes dos alistados, com o novo fardamento mandado fazer recentemente.

* * *

No proximo domingo evolucionará, outra vez, fóra do quartel, o Batalhão de Voluntarios pelo que se pede a comparencia de todos quantos n'elle estão inscriptos, ás 4 horas e meia da manhã, em ponto.

Ao povo portuguez e á Assembleia Nacional Constituinte

Portuguezes!—Srs. Deputados da Nação!

Quatro numerosos grupos: um de antigos e dedicados republicanos, outro de maçons, outro de carbonarios e ainda outro composto de livres-pensadores, cujos nomes individuaes, propositadamente occultam, como se determinou em reunião conjuncta e secreta em que tomaram parte alguns centenares de cidadãos, e por isso que nunca pretenderam nada da monarchia, como tambem nada querem da Republica, tomam a liberdade de dirigir-se por este meio ao povo portuguez e em especial ao Partido Republicano e aos deputados á Assembleia Nacional Constituinte, no intuito de emittir a sua opinião ácerca da presidencia da Republica, exprimindo ao mesmo tempo a vontade de milhares e milhares de pessoas de todos os pontos do paiz.

Antes, porém, d'entrar no assumpto, esses quatro grupos declaram muito peremptoriamente que apenas se inspiram nos mais altos interesses do paiz e da organisação republicana; que não os move qualquer paixão pessoal ou politica; que sempre trabalharam e continuam trabalhando pela causa democratica, vivendo á custa do seu proprio esforço, sem pretenções a recompensas do Estado e aspirando tão sómente a que se faça justiça e seja tomada na consideração devida a vontade popular.

* * *

Discute-se presentemente a nova constituição do paiz e, logo que ella se approve, proceder-se-ha á eleição do presidente da Republica. Vamos, pois, ter presidencia, não obstante uma grande parte da nação ser de opinião contraria. E n'essa grande parte nos incluimos, pois tambem somos contrarios a que haja presidencia.

Mas, visto ser ponto assente que a haja, ao que parece, seja-nos permittido, já que o suffragio universal—verdadeiro systema democratico—*espanta elles*—indicar qual deveria ser o nosso candidato a esse alto cargo, isto é, quem devia ser por todos os motivos o primeiro presidente da Republica Portugueza, depois de se ter feito justiça completa e homenagem justissima ao eminente sabio e grande democrata, dr. Theophilo Braga, nomeando-o presidente do Governo Provisorio.

Irrisorio e até affrontoso seria eleger para primeiros presidentes da Republica Portugueza, e muito especialmente para primeiro, um cidadão que, por muito boas qualidades de caracter e d'intelligencia que possuisse, não tivesse sido, toda a sua vida politica, um republicano declarado, com serviços prestados á causa democratica, ao Partido Republicano e ao paiz.

E' uma hypothese inadmissivel, inacceitavel mesmo por momentos, e por conseguinte está posta de lado e não merece discussão nem perda de tempo.

Dadas as circumstancias em que Portugal se encontra e em vista da proclamação da Republica, o nosso primeiro chefe de Estado tem uma grande missão a cumprir, tem de ser conciliador, tem de se impôr por uma larga e incontestavel folha de serviços á nação e ao Partido Republicano e pela acção pessoal e politica que porventura exercesse no paiz e no extrangeiro, ainda no tempo da monarchia.

Ora, sem desprimor para qualquer dos valiosos elementos de que dispõe o Partido Republicano, ninguem está n'essas condições como o sr. dr. Magalhães Lima, cuja intelligencia, honestidade, illustração e influencia na Europa ninguem se atreverá a contestar.

Publicista distincto, gloria da imprensa, orador dos mais eminentes e republicano democrata desde os bancos da Universidade, a sua acção tem sido vasta e decisiva em todos os tempos, fazendo todos os sacrificios que a Democracia e o paiz lhe exigiam, sem encargo algum para o partido ou para a nação.

Em todas as luctas elle figurou, desde os primitivos tempos do Partido Republicano cujo desenvolvimento se lhe deve em grande parte, e as suas campanhas contra a monarchia e a realeza deram brado e contribuiram enormemente para a demolição d'essas instituições que desacreditaram e arruinaram Portugal.

E se o nosso paiz é conhecido e algo respeitado lá fóra, ainda esse facto se deve á propaganda tenaz, benefica e activa de Magalhães Lima que pelas suas relações pessoaes, pelas innumeras sympathias de que goza na Europa, pela sua penna brilhante e muitas vezes sem que lhe sollicitem esses serviços, no intuito de honrar o nosso paiz, representando-o em congressos internacionaes maçonicos, da imprensa, do livre pensamento e da paz, declarando bem alto que nós somos um povo livre, trabalhador, intelligente e civilisado, merecendo por isso o conceito das de mais nações.

Em 1890, quando Portugal recebeu a affronta do *ultimatum* inglez, Magalhães Lima percorreu logo a Europa, fazendo conferencias e escrevendo artigos em diversos jornaes, no intuito de esclarecer a nossa situação.

Por occasião do Centenario da India, e sendo director da Sociedade de Geographia, desempenhou egual missão, attrahindo o estrangeiro a Portugal.

Em 1904, por iniciativa d'admiradores seus, foi alvo d'uma extraordinaria manifestação internacional, depois de ter vindo do congresso internacional do livre pensamento reunido em Roma, sendo-lhe dedicado um numero unico intitulado *Consagração* e collaborado por individualidades de todas as classes tanto portuguezas como extrangeiras, ao mesmo tempo que lhe era offerecido um grande banquete, no Coliseu de Lisboa. E podemos affirmar que nenhum portuguez obteve até hoje manifestação identica, por isso que n'ella collaboraram os homens mais eminentes na sciencia, na advocacia, nas lettras, na imprensa e na politica da Europa.

Surge mais tarde a criminosa dictadura franquista. Mal se respirava em Portugal. A imprensa e a liberdade de reunião eram suffucadas. No estrangeiro desacreditava-se o nosso paiz e em especial o Partido Republicano.

Magalhães Lima, depois das perseguições ao seu jornal, resolve, sem incumbencia de especie alguma, ser mais uma vez *o nosso melhor diplomata*, como o publico já o classificou, e parte para o estrangeiro, onde a imprensa, acreditando na injustificada fama de que João Franco era um bom administrador, defendia esse funesto politico.

E não foi sem grande custo, que Magalhães Lima, apesar das suas relações pessoaes e politicas e da sua situação na Europa, conseguiu levantar a sua campanha em favor de Portugal e da Democracia, esclarecendo a nossa verdadeira situação politica, pondo a claro os crimes da dictadura franquista e prevendo acontecimentos extraordinarios que, com effeito se deram, em consequencia das infamias praticadas pelos 7 bandidos que então estavam no poder.

Decisiva e poderosa foi a acção exercida por Magalhães Lima, a ponto de João Franco pensar em sollicitar do governo francez que expulsasse do seu territorio *o nosso melhor diplomata*. E entretanto os jornaes monarchicos, defensores da dictadura, cahiam a fundo sobre Magalhães Lima, denunciaram-no ás iras do poder, caso elle regressasse ao paiz n'essa epocha.

Fracassado o movimento de 28 de Janeiro, dá-se o regicidio; João Franco e a sua quadrilha de salteadores cahem do poder; D. Manuel Imbecil de Bragança é acclamado rei, e Magalhães Lima pode voltar a Portugal, depois de ter prestado relevantissimos serviços que ninguem lhe havia incumbido.

Mais tarde, o grande parlamentar dr. Affonso Costa verbera os maiores escandalos da monarchia, como a questão Hinton; ao mesmo tempo descobrem-se as roubalheiras do Crédito Predial, em que estavam envolvidos varios trumphos monarchicos, entre os quaes o immoralão e cynico José Luciano de Castro.

No Porto, reune se o Congresso do Partido Republicano e, por proposta de Affonso Costa, resolve que uma missão composta dos srs. dr. Magalhães Lima, José Relvas e dr. Bernardino Machado, vá ao estrangeiro dizer toda a verdade e esclarecer a nossa situação politica.

Prepara-se tambem a revolução, a cujo plano não é estranho Magalhães Lima E a proposito, devemos dizer que foi em casa d'elle que muitas reuniões se effectuaram e em que tomaram parte Candido dos Reis, Miguel Bombarda, Machado dos Santos, Antonio Maria da Silva, e varios officiaes do exercito e armada.

Ao mesmo tempo, reconhece-se a necessidade de que Magalhães Lima parta sem demora, afim de preparar a opinião publica no estrangeiro, pois que ninguem melhor do que elle poderia fazel-o—diga-se mais uma vez e bem alto, para que se tome isso na devida consideração.

Dentro em pouco, a imprensa começa de dar conta de conferencias e artigos de Magalhães Lima, feitos no extrangeiro a favor de Portugal, fazendo vêr a necessidade da mudança de regimen e revelando os crimes da monarchia e da realeza. E' então que a imprensa mundial principia d'interessar-se pela nossa situação politica, convencendo-se de que a Republica se impunha no nosso paiz.

Depois segue para o extrangeiro o sr. José Relvas a ligar-se a Magalhães Lima. Ha conferencias politicas com diversos homens de Estado e com a imprensa, a qual publica a nota official do Partido Republicano, entregue por aquelles dois missionarios.

O sr. dr. Bernardino Machado é estranho aos trabalhos da missão, porque, apesar d'eleito, não quiz acompanhar os seus collegas nem tomar parte n'esses trabalhos bem uteis para o paiz. Ignoram-se os motivos d'essa attitude.

José Relvas, terminada a sua missão, regressa a Portugal, e Magalhães Lima fica no extrangeiro. Recuperada a sua liberdade d'acção, prosegue na sua grande obra redemptora, n'um trabalho activo e extenuante. As suas conferencias e artigos são reproduzidos em toda a imprensa europeia e americana e até em Madagascar.

E' um trabalho de 7 mezes consecutivos, que facilitou extraordinariamente a boa disposição das nações e favor da Republica Portugueza. Ninguem o póde contestar, e a prova é que o Governo Provisorio não teve difficuldades nem luctou com a opinião publica estrangeira, porque esta já estava preparada pela propaganda de Magalhães Lima em prol da mudança de regimen.

A Republica e o paiz estão gosando dos beneficos resultados do trabalho d'esse eminente democrata que tem as sympathias do povo portuguez e da Europa—affirme-se bem alto para desprestigio de quaesquer intriguistas ou invejosos que talvez dos serviços e da influencia do mesmo cidadão se tenham aproveitado, diga-se de passagem.

Proclamada a Republica, Magalhães Lima ainda se demorou alguns dias em Paris a receber as felicitações e acclamações do extrangeiro, bem como diversas homenagens que lhe haviam preparado.

E' depois que regressa a Lisboa, onde o povo invade por completo a estação do Rocio e todas as ruas do trajecto até sua casa. Ninguem, absolutamente ninguem, por mais que a imprensa largamente pretendesse traduzir o que foi essa manifestação, póde descrever as acclamações de que Magalhães Lima foi alvo. A multidão esmagava-se em todo o percurso.

Mais tarde, a briosa corporação da nossa marinha de guerra, depois de lhe ser concedida a devida auctorisação, promove, n'uma noite, a sua homenagem ao grande cidadão, sahindo do Arsenal de Marinha em direcção á casa de Magalhães Lima. Foi estupendo e phantastico o que se passou quando a commissão de marinheiros lhe entrega a mensagem e o envolve, offerecendo-lh'a tambem, na bandeira encarnada e verde que fôra arvorada, ao romper da revolução, no cruzador *S. Raphael*.

São as maiores e mais colossaes manifestações que se teem feito em Portugal, apesar de Magalhães Lima ser um simples cidadão e agora um deputado por Lisboa.

Realisam-se as eleições e o resultado é este: **Magalhães Lima é o deputado mais votado em todo o territorio da Republica Portugueza, circunstancia sufficiente para o eleger primeiro Presidente da Republica,** se não houvesse tantas outras, como já citámos.

Tudo isto é para ponderar e ter em conta e ainda o facto d'elle se alheiar sempre de grupos e *coteries*, pois só teve e tem em vista os interesses do paiz e da Republica.

As suas relações e influencia no estrangeiro e ainda a circumstancia de ser o *Grão-Mestre da Maçonaria Portugueza* são de alta vantagem para os interesses da nação, e por conseguite a sua investidura na presidencia da Republica impõe-se por todos os motivos, desde que está resolvido haver presidente.

E como os quatro grupos que elaboraram este manifesto se inspiram unicamente nos interesses da nação e da Republica, tomam a liberdade de expôr a sua opinião sobre o assumpto ao povo portuguez e aos srs. deputados á Assembleia Nacional Constituinte.

Não se trata, pois, de fazer imposições aos deputados, mas de manifestar-lhes a vontade popular que deve ser acatada. O Partido Republicano protestou, com fundamento e razão, quando, no tempo da monarchia, as reclamações do povo não eram attendidas pelo parlamento. Protestou, e muito justificadamente, quando o parlamento desprezou a grandiosa manifestação de 2 d'agosto, promovida pela Junta Liberal, presidida pelo saudoso e eminente homem de sciencia dr. Miguel Bombarda. Pois bem: não deve agora succeder o mesmo, isto é, a vontade popular não deve ser desattendida pelos deputados que proclamaram a Republica em 19 de Junho ultimo, na Assembleia Nacional Constituinte.

E como d'essa assembleia faz parte grande numero de maçons, os seus irmãos, que constituem um dos numerosos grupos que elaboram este documento, **lembram-lhes os seus deveres que a instituição a que pertencem lhes impõe relativamente ao seu chefe supremo, tanto mais tratando-se d'um acto de justiça e das conveniencias do paiz.**

A Assembleia Nacional Constituinte approvando o systema presidencial e não elegendo Magalhães Lima presidente da Republica na presente conjunctura, praticará a injustiça mais flagrante, concluindo-se logicamente que os seus deputados não são os verdadeiros interpretes da vontade popular, como democraticamente deviam sel-o.

E se duvidam do que affirmamos, adoptem o suffragio universal para que se convençam de que o povo entende e deseja que o primeiro presidente da Republica Portugueza seja Magalhães Lima.

Viva Magalhães Lima!

Viva a Republica Portugueza!

Eis o theor d'um manifesto que recebemos subscripto por *um grupo de velhos republicanos, um grupo de maçons, um grupo de livres-pensadores* e *um grupo carbonarios*, cuja distribuição em todo o paiz foi de centenas de milhares de exemplares para que bem se possa conhecer, ainda que resumidamente, da grande obra em que Magalhães Lima andou empenhado durante annos e annos, de beneficio apenas para esta Patria, que elle tanto ama e estima.

Magalhães Lima é, sem duvida, um privilegiado talento, desde sempre ao serviço do partido republicano e por isso merecedor do alto cargo em que o pretendem investir, de presidente da Republica Portugueza.

A' lembrança dos seus amigos junta *O Democrata* a sympathia que o talento e o caracter do eminente cidadão lhe tem inspirado desde remotas éras até á data.

Sessão da Commissão Administrativa Municipal d'Aveiro, de 13 de Julho de 1911.

Presidencia do cidadão dr. Carlos Alberto da Cunha Coelho. Compareceram os vogaes Manuel Augusto da Silva, Pompilio Ratolla, Sebastião Pereira e Manuel Ramalho, entrando em exercicio, depois de prehenchidas as formalidades legaes, o vogal ultimamente nomeado pelo sr. governador civil, o cidadão Daniel Gomes d'Almeida.

Acta approvada, depois do que foi lido o expediente, constante de officios:

Do governo civil do districto pedindo a cedencia dos subejos da fonte do Espirito Santo, a fim de serem canalisados para o edificio das repartições publicas, sendo indeferido por a camara carecer de elles para o Jardim e outros pontos, mas consentindo que pelas Obras Publicas seja aberto um poço na Praça Marquez de Pombal e que alimente o mesmo edificio;

Da camara municipal de Estarreja e juntas de parochia de Luzo, Escapães, Lamas e Macêda de Ovar declarando não poderem contribuir para a elevação do lyceu a central; e

Requerimentos dos cidadãos Manuel José de Freitas, casado, de Requeixo; Francisco Simões Sebolla, casado, de Nariz; e Maria Rodrigues da Cunha, viuva, de Sarrazolla, para licença e alinhamento de construcções, sendo deferidos;

De Antonio Simões Pereira, de Sá, para construir uma capella no cemiterio publico, sendo mandado requerer em termos;

De Georgina de Jesus, viuva, d'esta cidade, para entrada de seu filho João no *Asylo-escola*, sendo indeferido;

De Thomé da Silva Martins, de Nariz, solicitando auctorisação, que foi provisoriamente concedida, para encanar para uma propriedade sua, alli, as aguas que correm d'um poço seu, pelo comoro que conduz á fonte do Olho e que a respectiva junta de parochia informa bem;

Foi presente a nota dos fundos em poder do thesoureiro, e que são da quantia de 307$243 réis pertencentes ao municipio, e réis 181$329 da conta do Asylo.

A camara tomou depois as seguintes resoluções:

Mandar entrar na lista dos subsidiados de lactação, na respectiva altura, Rosa de Jesus Maia, aqui residente;

Confirmar a pobresa de Anthero Simões da Rocha, attestada pela commissão parochial de Arada;

Aproveitar as aguas da nóra das Carmelitas para régas dos jardins da Praça Marquez de Pombal;

Auctorisar o seu presidente a entregar ás respectivas familias, quando estas o requeiram, os asylados d'ambos os sexos que pertendam sahir;

Fazer o concerto de que carece o pavimento da ponte da Fonte Nova;

Intimar João de Souza Marques, da rua de S. Martinho, a pôr no seu primitivo estado o caminho da Patella, que escavou para extrair areias, e entrar no cofre municipal com a importancia da multa respectiva; e

Por proposta do seu presidente:

Telegraphar ao sr. ministro da justiça, participando-lhe haver tomado posse dos edificios dos conventos de Jesus e Carmelitas, e agradecendo a valiosa cedencia de elles;

Manter o logar aos reservistas que sejam empregados municipaes, dando um subsidio equitativo ás familias dos que mais necessitem emquanto estiverem ao serviço nas fileiras;

Por proposta do vogal Manuel Augusto da Silva, substituir em parte o encanamento antigo da fonte e lavadouros da Senhora d'Ajuda, por ferro galvanisado;

Por proposta do vogal Souto Ratolla, augmentar até 300 o numero de candieiros da illuminação publica da cidade, visto que, consuante o contracto, com esse augmento diminue o preço de cada candieiro, e officiar á companhia fazendo-lhe sentir que se tem notado uma sensivel diminuição na luz depois das 10 e das 12 horas da noite.

Philantropia

O sr. João dos Santos Silva, nosso conterraneo, n'um impulso de generosidade proprio da sua franqueza, offereceu ao Batalhão de Voluntarios da Republica, cinco fardamentos para serem distribuidos por aquelles a quem faltem recursos para os comprar e mais 20$000 réis ao *Club dos Gallitos* destinados a uma caixa de soccorros que s-

venha a crear para auxilio dos socios impossibilitados de trabalhar.

Pouco propensos a louvaminhas pessoaes, registamos apenas o facto que, em si, diz tudo.

Estrada da Costa Nova

Ainda bem que nos fizemos ouvir, pois começou já a ser convenientemente reparada sob a vigilancia e direcção do sr. Manuel Maria Amador.

Apezar dos estragos produzidos pela agua, no inverno, e dos grande rombos que soffreu com as cheias, afigura-se-nos que a direcção das Obras Publicas tinha tudo a lucrar se conseguisse que o concerto fosse completo, de molde a que pudesse resistir ao tempo durante as futuras estações, que maior damno lhe causam.

Gastava-se mais, mas era por uma vez.

Caixa do correio

Queixam-se os habitantes de Villar do grave transtorno que lhes trouxe a mudança do correio para a Forca não só pela distancia a que fica como ainda pelo facto de não fazerem caminho por aquelle logar.

Ao sr. director dos correios pedimos o favor de attender a esta reclamação, que nos parece de todo o ponto justa.

Livros, Revistas & Jornaes

"Na Aurora do Seculo XX,,

Traducção do general Celestino de Sousa

O novo livro posto á venda pela *Bibliotheca de Educação Moderna*, que se publica em Lisboa sob a direcção de Ribeiro de Carvalho, é um trabalho formidavel de instrucção e de revolta, devido á penna de um dos maiores escriptores allemães: Luiz Buchner. Para o definir, basta dizer-se que foi este um dos livros de que se serviram os revolucionarios, na Russia, para arrancarem o povo á tyrannia politica e religiosa do imperio dos Czares.

Pelos assumptos tratados nos seus capitulos, logo se vê a importancia capital d'esta obra. São os seguintes:

A Sciencia — Astronomia. Phisica. Chimica. Geologia. Paleontologia. Anatomia. Anatomia comparada. Embryologia. Physiologia. Zoologia. Botanica. Biologia. Anthtopologia pré-historica. Ethnologia e Geographia. Psycologia. Medicina. Industria. Historia. *A Philosophia* -- Influencia de Kant. A metaphysica e o idealismo. Schopenhauer e a vontade. Hartemann e o inconsciente. Causas da decadencia da philosophia. Fr. Nietzsche. A philosophia do futuro. *O Materialismo* — A supposta tyrannia materialista. O problema das origens. Propriedades da materia. Os phenomenos vitaes. Eternidade e infinidade do Universo. A crença nos milagres. Os elementos, a força e o movimento. Theorias materialistas e espiritualistas. O monismo e a moral. *A Religião*—A Religião e o Estado. A Religião e a confissão. A Religião do livre-pensador. O Christianismo e a Sciencia. A Religião do futuro e o problema moral. *O Espiritismo* — O Animismo dos primitivos e o culto dos antepassados. Espiritismo e espiritualismo. Espiritos modernos e demonios medievaes. Causas do exito do espiritismo. O hypnotismo e os seus exageros. A telepathia. A suggestão hypnotica. A suggestão do meio. *A Politica*—A Politica e a Moral. A guerra e a arbitragem. A paz armada. O suffragio universal e o parlamento. A politica do futuro. *A Anarquia*—Funcção da sociedade. A Anarquia entre certos povos selvagens. Os individualistas. Os anarquistas. *A Questão Social*—Riqueza e pobreza na sociedade actual. Moral e economia politica. Necessidade de um remedio para o mal social. A lucta pela existencia e a solidariedade. Retrocessão do solo á communidade. Suppressão do capitalismo hereditario. O Estado transformado em sociedade de seguros. *O Feminismo* — Situação da mulher na antiguidade e entre os diversos povos. A egualdade dos sexos e as leis naturaes. Correlação dos sexos nas especies animaes. O matriarcado e a polyandria. *O sexo fraco.* O cérebro e a intelligencia. O direito do voto e a livre concorrencia. A emancipação e o casamento. O movimento feminista na America e na Europa. *Litteratura*—Influencia da litteratura allemã. Goethe e Schiller—A escola romantica na Allemanha—A escola romantica na Inglaterra—A escola romantica em França—Chatenabriand, Lamartine, Victor Hugo, Musset e Balzac. Naturalismo e realismo. *Arte* — A pintura. A escola classica. A escola romantica. Paizagistas. A esculptura. A architectura. A musica.

Como se vê, trata-se de uma obra que é uma verdadeira encyclopedia. Mas, além do livro *Na Aurora do Seculo XX*, esta Bibliotheca tem publicado mais os seguintes livros, tambem magnificamente traduzidos para portuguez:—*A Egreja e a Liberdade*, por Emilio Bossi. — *Socialismo e Anarchismo*, por Hamon. — *Descendemos do macaco?* por Denoy.— *Não creio em Deus*, por Timótheon. — *A Vida nos Astros*, por Camille Flammarion. — *A Historia das Religiões*, por Beuchat.— *As Grandes Lendas da Humanidade*, por Humiac.

Preço de cada livro d'esta *Bibliotheca*: brochado, 200 réis; magnificamente encadernado em percalina, 300 réis. Vendem-se em todas as principaes livrarias de Portugal, Brazil e Colonias.

Remettem-se tambem pelo correio, para todas as terras, a quem remetter a respectiva importancia em estampilhas ou qualquer outro valor de facil cobrança. Para o extrangeiro, accresce o porte e registo. Pedidos á *Livraria Internacional*, Calçada do Sacramento, ao Chiado, 44—Lisboa, ou ás livrarias de Bernardo Torres e *Universal*, em Aveiro.

CONFERENCIAS POPULARES

A EDUCAÇÃO CIVICA E MORAL DO POVO

Extracto d'uma conferencia realisada no Theatro Bejense, em 4 de Junho, pelo sr. padre Manoel Ança, natural da villa d'Ilhavo

(Continuando do n.º anterior)

Todo o cidadão deve ser dedicado á sociedade. A sociedade é a grandiosa esphera da acção e da actividade do ser pensante, em cujo seio o homem reciprocamente se abraça e se estremece e se auxilia e soffre e trabalha e espera, na mesma unidade e harmonia de fins, os fins da virtude, da perfectibilidade, do bem!

O homem, derivado do germen do amôr, pertence áquella desde que nasce: pertence á sociedade universal, scindida nas sociedades *particulares publicas*, taes como a nação, o estado, o municipio, a parochia; e nas sociedades *particulares privadas*, como é a conjugal, a domestica, ou familiar.

A sociabilidade é um dos elementos constitutivos, quasi a razão de ser da existencia do homem. Este nasce e vive entre os seus semelhantes, acalentado nos braços da mãe, emquanto menino, pedindo á piedade inefavel dos paes o não abandone, com seus tepidos afagos e carinhos e protecção.

Volvem os annos, e o homem entra por seus passos no caminho da vida, onde outras necessidades individuaes o vinculam á sociedade, de cujo organismo é membro, —necessidades que lhe criam deveres imprescriptiveis para com os seus semelhantes, que o obrigam á deferencia e á estima collectiva.

Posto isto, claro está que ao cidadão cumpre ser um ente afavel, delicado, prestante, affectivo, sociavel, seja qual fôr a posição ou o gráu de prosperidade, em que o destino o culminou.

N'este espaço ou ambiente limitado, chamada nação, confraternise, pois, com os seus compatriotas, velhos e novos, pequenos e grandes, prezando-os sinceramente, se fôrem dignos da sua estima, para que seja por elles egualmente prezado.

Ame os desprotegidos da fortuna: os pobres, os doentes, as viuvas desamparadas, as creanças desvalidas, os orphãos sem protecção. Preste-lhes, se pudér, o seu auxilio, porque pertencem á grande familia da humanidade, e ao numeroso exercito dos infelizes, que são nossos irmãos.

Respeite a mulher pela sua fraquesa e a creança pela sua innocencia, porque ambas são debeis e bellas como as graças das flôres amorosas e sympathicas como as flôres da bondade.

Seja indulgente e tolerante para com as faltas alheias, mas severo e austero para com todos os vicios, reprehendendo-os, ou punindo-os com o seu desprezo, a bem da moralidade e da justiça publicas.

Preste gratidão aos favores recebidos, como perpetuo reconhecimento da consciencia agradecida, e premio das benemerencias ou finezas dispensadas. A gratidão é o penhor da virtude—a virtude de sentimentos nobres; a ingratidão é o tributo vicioso de consciencias pobres.

Consagre lealdade e estima ás pessoas que lhe são dedicadas, porque a amizade embelleza a vida, e a vida extreme das affeições é o laço que une as almas na mesma communhão de formosos ideaes.

Lembre-se de que um bom amigo é um thesouro precioso, que não convem malbaratar imprndentemente. Encontrando-o, conserve-o, como diamante raro, digno de ser guardado e estimado no cofre do coração.

*

Todo o cidadão tem o dever de consagrar amôr á familia. A familia é o paraizo da felicidade, em cujas fontes beneficas se bebe o rócio do affecto e do carinho, da pureza e da innocencia.

E' o seio perenne da bonança e da paz, onde o homem compungido verte as suas lagrimas, e onde acalma as dôres na desventura.

E' o sanctuario ideal, debaixo de cujas abobadas expande as tristezas e as alegrias da sua alma incomprehensivel e insondavel;—sanctuario onde repousa socegadamente nos braços amantissimos dos idolos queridos, que venera em suas aras immaculadas.

Ahi, o carinho do pae e da mãe, do filho e do irmão, do marido e da esposa viceja exuberantemente. Elles são como haste e folhas e flôres e fructos graciosos, aformoseando o mesmo canteiro e jardim, perfumando o ambiente em que se unem, identificam e beijam com doçura.

Digam o que disserem os seus adversarios, a familia será sempre o viveiro social d'onde brota a planta-homem para os estádios da vida e para a plataforma da civilisação.

A familia será em todos os logares e em todos os tempos a instituição modelar e indispensavel, o cadinho insubstituivel, onde se purifica o ouro da virtude, das primorosas qualidades moraes e dos bons costumes, que fortalecem os individuos e as instituições.

De conseguinte, o cidadão, como filho, honre tanto quanto possivel a seus paes, e respeite absolutamente a sua veneranda auctoridade. Ouça o seu prudente conselho. Preste-lhes auxilio em seus infortunios, ou velhice, porque os paes devem ser sempre o objectivo dos cuidados dos filhos, assim como os filhos são sempre a dilecção, a alegria e a esperança dos paes. Faltar a esses deveres tão intimos e tão consoladores, seria a mais revoltante das affrontas aos sentimentos de piedade e amôr filial.

Como irmão, costume-se a guardar lealdade e affecto sinceros aos filhos do mesmo tronco:—troncos da mesma arvore, arvores do mesmo fructo, fructos do mesmo sangue, sangue, vida, seiva da mesma origem, da mesma fonte, dos mesmos paes.

O bom irmão é o melhor dos conselheiros, o mais firme dos confidentes, o mais certo dos amigos; e, tão constante e cavalheiresco nos atributos fraternos, que a sua estima vae, sendo preciso, até ao sacrificio pessoal, não abandonando nunca os seus irmãos nas conjunturas mais difficeis, ou nas maiores atribulações da vida.

Como esposo, honre egualmente o lar domestico e todas as pessoas que ahi lhe são caras. Promova-lhes honestamente os meios de snbsistencia e de conservação.

Desvele-se em amenisar com prudencia e segredo os espinhos do seio da familia, se ahi porventura nascerem.

Esmere-se em cuidar dos seus negocios particulares, e da economia da sua casa, da qual é chefe. Seja assistente nas horas d'ocio junto de seus deveres familiares, não se esquecendo nunca de conquistar o coração da consorte pela benignidade, inspirando-lhe respeito e amôr.

Como pae, seja solicito em formar o caracter de seus filhos, lapidando-o, aperfeiçoando-o, qual diamante de futuro brilho, de modo que n'elles reveja fielmente a sua propria imagem, na imagem dos continuadores, de suas virtudes, virtudes legitimas e inalteraveis, que esmaltam o espirito dos homens bons.

Lembre-se de que o lar domestico é uma escola de luz e um ninho d'affectos: — escola onde se aprende a amar, a trabalhar e a soffrer, e ninho d'onde se vôa para o espaço immensamente livre do mundo e dos desejos.

*

Todo o cidadão tem o dever insofismavel e impreterivel do respeito pessoal, ou de si proprio.

Conservar o seu bom nome; curar da sua reputação; preservar a immaculada flôr da honra; cultivar intacta a joia da personalidade; fazer irradiar de si bons exemplos, são graves obrigações, obrigações indeclinaveis do cidadão.

O seu cuidado consistirá em embeber-se nas bôas acções alheias, onde quer que ellas existam—no municipio ou fóra d'elle, entre velhos ou entre novos.

Evite o cidadão todo aquelle homem que mente, que intriga, que difama, que falta aos seus contractos, á sua palavra d'honra, porque esse homem é um perigo ambulante, um modelo pernicioso de dissolvencia social.

Fuja das injustiças e violencias, das brigas e das contendas, das rixas e das desordens, dos odios e das paixões, que deprimem. Não prejudique ninguem conscientemente, por vingança, por instigação, por calculo, ou por maldade, porque o preceito da lei natural tão accessivel á razão humana, manda que se não deve fazer aos outros aquillo que não queremos para nós.

Não espalhe nunca aos quatro ventos cardeaes do espaço as bôas obras que praticar: ellas fallarão mais alto do que as suas palavras.

Esmere-se na escolha dos amigos que eleger para o seu convivio, afim de que os Zoilos implacaveis não sintam o inefavel prazer de lhe dirigir aquella seta popular: *Dize-me com quem andas e eu te direi quem tu és.*

Não se envaideça na prosperidade, que é fragil como o vidro, nem se agaste ou succumba na infelicidade pessoal, porque o finito da vida é o infinito das vicissitudes humanas. Seja constante na pratica das acções generosas; benevolo para com os seus inimigos, mas repila sempre com energia — evitando inuteis efusões de sangue, —repila os ultrages e as iniquicias á sua dignidade e aos seus brios, venham d'onde vierem, de baixo ou de cima, e corra os perigos que correr!

Procure, no emtanto, radicar n'alma o habito de proceder bem. Eduque e fortaleça a vontade, de modo que ella seja sua escrava, em seu constante exercicio, para que não deixe nunca de ser cidadão consciente, convertendo-se em *coisa* prejudicial ou inutil. Domine-a, dirija-a pelas luzes da razão e pelas seguras indicações do dever.

(Continúa.)

NOTAS DA CARTEIRA

Em goso de licença encontra-se desde a semana passada n'esta cidade, o nosso amigo Francisco Marques da Naia, tenente pharmaceutico do ultramar.

Muito affectuosamente o cumprimentâmos.

= *Partiu para S. Pedro do Sul o sr. Luiz Valente d'Almeida.*

= *Tem estado doente o sr. dr. Elias Fernandes Pereira, antigo professor do lyceu a quem desejâmos rapido restabelecimento.*

= *Vimos na rua, já completamente bom da enfermidade que por algum tempo o reteve na cama, o sr. Julio Ribeiro d'Almeida, digno capitão do porto d'Aveiro.*

= *Foi passar alguns dias a Villa Franca de Xira, d'onde é natural, o sr. Beja da Silva, digno administrador do concelho e commissario de policia, que deixou a substitui-lo o nosso illustrado amigo, sr. major Peres.*

= *Regressou de S. Pedro do Sul á sua casa da Oliveirinha, o sr. Manuel da Cruz Manoelão.*

= *R' esperado em Aveiro por estes dias, o sr. dr. Sebastião de Magalhães Lima, afim de se restabelecer d'um ligeiro encommodo de saude.*

= *De visita, acha-se entre nós, vindo de Manáus, o sr. Epiphanio Rodrigues Lima, que conta demorar-se algum tempo.*

= *Seguiu para as Pedras Salgadas o nosso amigo João Pedro Soares.*

Imprensa

Pelos seus anniversarios enviamos felicitações aos nossos collegas *O Combate*, que sob a intelligente direcção do nosso valoroso correligionario, sr. José Augusto de Castro se publica na cidade da Guarda e *Os Successos*, ali do Corgo Commum, concelho d'Ilhavo, aos quaes desejamos muitas prosperidades.

= Recebemos a visita do *Noticias de Alhandra*, qninzenario que na villa d'onde tirou o titulo principiou ha dias a vêr a luz da publicidade.

Saudamol-o.

Triste noticia

O telegrapho annunciou-nos, sem outros pormenores, a morte, em Africa, do nosso patricio Alvaro de Carvalho, rapaz ainda novo e estimado, pertencente a uma honrada familia d'esta cidade.

Os amigos pranteiam-no e com elles todos quantos conheciam as suas primorosas qualidades de caracter, as suas virtudes e o amor que dedicava aos que lhe eram caros e que nós acompanhamos no seu justo sentimento.

A administração de "O Democrata,, roga a todos os assignantes de fóra d'Avêiro, a fineza de mandarem satisfazer os seus debitos enviando as importancias em sellos, vales do correio ou ordem de pagamento, o que agradece.

O Democrata—vende-se em Aveiro, no kiosque da Praça Luiz Cypriano.

VENTOSAS

Correu hontem p'la cidade
Outra noticia de truz,
E armando em auctoridade
Fui-me saber a Jesus
O que havia de verdade.

—A bicha ainda mexia!
E constatei que assim era...
Scismando, como podia,
Feita em farrapos, a féra,
Inda mostrar... que vivia!...

Cheguei-me um pouco. Sómente
Arfava a pobre, coitada.
Approximou-se mais gente
Da carcassa espatifada,
Da venenosa serpente.

Quando, porém, condoído
Do estertor do animalejo,
Já se esboçava um gemido
Entre o povo bem fazejo;
Solta o dragão um rugido,

Ergue a pata,—fujo a isto,
Dá-lhe, a modos, um fanico
E atira um coice, p'lo visto,
Que par'cia o d'um gerico
Co'as ferraduras do Christo.

* * *

Desmentido

Não é verdade ter pedido a demissão de administrador do concelho de Aveiro, o sr. Beja da Silva, como dois jornaes da terra disseram. O zeloso funccionario apenas foi passar alguns dias com sua familia e restabelecer-se d'um ligeiro encommodo de que havia enfermado, tencionando breve retomar o logar que com tanta proficiencia exerce na capital do districto.

Nada mais.

Communicado

As ruas de Cacia

Faltaria a um sagrado dever de urbanidade se deixasse de agradecer aos meus conterraneos a maneira generosa e captivante com que acataram o nosso alvitre sobre o melhoramento que se vai operar em Cacia com a introducção, alli, de placas com o nome indicativo das ruas, alvitre sugerido pelo nosso illustrado amigo, sr. João d'Oliveira Junior, assim como tambem aquelle que se refere aos candieiros para illuminação dos pontos mais centraes das mesmas ruas.

O preclaro e prestimoso correspondente d'*O Democrata*, em Cacia, diz-nos na sua correspondencia d'alli, que em Lisboa já se organisou uma commissão para angariar donativos para o mesmo fim, composta de tres patriotas e verdadeiros amigos da freguezia com os quaes desejamos corresponder-nos afim de levarmos ávante o nosso patriotico desejo.

Aqui tambem foi bem recebida a ideia, excepto na parte que diz respeito a serem postos nas placas, nomes de pessoas ainda vivas.

Por nós pouco nos importa isso com tanto que sejam nomes de vultos republicanos para assim se lhe perpetuar a memoria.

No proximo domingo contamos iniciar n'esta cidade a subscripção para o fim desejado, esperando que a generosidade da colonia caciense aqui residente, visto o melhoramento de que se trata só ter por alvo o engrandecimento da nossa terra, lhe dará o appoio que nenhum patriota sabe negar.

Pará, 3 de julho de 1911.

J. J. Nunes da Silva.
Caixa postal, n.º 714

CORRESPONDENCIAS

Quissol, 21 de junho

Causou aqui a melhor impressão o resultado das eleições de deputados em todo o continente.

Os boateiros, perante tal demonstração de fé republicana por todo o povo portuguez, devem perder as suas ingenuas esperanças a respeito de restaurações, intentonas e outras coisas mais.

= Em Angola disputam a urna dois partidos: o reformista e o colonial, havendo más vontades contra o primeiro por parte de alguns elementos europeus devido á má politica que, por vezes, os seus dirigentes têm feito.

Acresce ainda a circumstancia do deputado proposto por esse partido ser julgado pouco apto para desempenhar as suas funcções no parlamento.

O partido colonial, creado tambem depois da revolução, compõe-se de bons elementos, e tem já bastantes sympathias entre nós, mas muitos não votam no seu deputado por motivos que teem toda a razão de ser. Preferem, por isso, ficar em casa.

Será bom que, para a outra vez, os dois partidos escolham deputados mais affeiçoados á sua gente.

Não obstante, devo dizer-lhes que, em Loanda, a victoria parece qne será dos coloniaes e em Malange a lucta deve ser renhida.

A Republica porém nada perderá, quer ganhem os coloniaes ou os reformistas visto que ambos defendem os principios republicanos.

= Chegou aqui hoje, ás 9 e meia horas da manhã, o governador geral, acompanhado do governador do districto e ajudantes, sendo recebido com vivas á Republica, á Patria e aos heroes de 31 de janeiro, a que elle correspondeu agradecendo a manifestação que lhe acabavam de fazer e incitando todos os portuguezes ao trabalho e a conservarem sempre viva a sua fé republicana.

Após a recepção dos cumprimentos, que teve logar na casa da Associação Commercial da Lunda, foi convidado a fazer uma visita á fazenda dos srs. A. da Conceição Pinto, sendo-lhe depois offerecido um almoço pela direcção da Associação, que correu animadissimo.

Accacio Simões.

Albergaria-a-Velha, 19

Ligeirezas do sr. presidente Jayme Ferreira

Na nossa correspondencia do n.º 175 d'este periodico, a par d'algumas frioleiras, fizémos umas referencias a casos e cousas d'esta terra, sem o intuito de molestar ninguem, expostas d'uma fórma mais ou menos pittorêsca, de theor e modo que nunca fiquemos inhibidos d'apertar a mão áquellas pessoas que n'estas ligeiras noticias directa ou indirectamente se julgam visadas.

Apezar, porém, de toda a prevenção e cautella, saiu-nos á estacada um senhor *de fóra*, sob o véu de *Manara de Cuzelhas* que, á mistura com muitas cousas feias nos acoimou até de mentiroso e má lingua.

A algumas das banalidades já fizémos referencia n'este lugar, mas erramos o alvo e fômos attingir pessoa com quem mantinhamos relações de bôa amizade, e por quem nós, diga-se de passagem e em abono da verdade, não nutrimos, apezar de tudo, antipathia ou qualquer outro sentimento de má vontade.

Ausente da terra que encima esta correspondencia, e por outras circumstancias de pouca monta, tomámos a nuvem por Juno, como costuma dizer-se, e realmente, ao nosso olhar *pisco*, o véu que envolvia o sr. Jayme Ferreira, não foi para nós d'uma transparencia tal que evitasse o nosso engano.

N'esta situação de desapontamento para os trez, o sr. *Manara de Cuzelhas* achou que era mais airoso levantar a vizeira, e na pose espalhafatosa de um personagem d'opera buffa, remata o seu ultimo aranzel com esta declaração prenhe de agourentos prenuncios—o *Manara de Cuzelhas* chama-se *Jayme Ferreira!!*

Sem querermos desfazer na sua honrada palavra, aceitamos a sua declaração como a expressão da verdade, e retribuimos a gentieza, cumprimentando respeitosamente o sr. *Manara de Cuzelhas*, vulgo—Jayme Ferreira, activo e zeloso presidente do nosso municipio, socio e infausto fundador do centro do *lá vai um*, republicano de fresca data e donzel embirrante com a *suja* linguagem das varinas, mas sem prejuizo da sua predilecção pela limpa e rosada carnação das *ditas*, etc.

E posto fim a esta nesga preambular que nos vai saindo cara, e entoado o pigarro chronico das occasiões solemnes, passemos a varrer a nossa testada, visto que a mentira atabalhoadamente se quer enrodilhar á nossa porta, fazendo barulho e assobiando alto... para nos metter mêdo.

Dissémos nós no n.º 175:—*jantar... onde muitos brindaram pela* Republica e beberam *ás suas prosperidades* com aquella semcerimonia *com que* ámanhã, enguliriam outro jantar *em honra do* jesuita Gonzaga e do *maluco Paiva Couceiro, se elles* lograssem *a implantação da monarchia.*»

Outro qualquer medianamente ponderado, com menos badalo e um poucochinho mais de senso, não escrevendo *d'outiva* e só babozeiras, sentindo-se alvejado n'aquellas palavras que encerram uma grande verdade, calava-se, por prudencia, e não vinha arvorar-se em procurador dos outros, quando a carapuça, alli talhada, se lhe enterra perfeitamente pela cabeça, até ás orelhas.

Outro qualquer que não fôsse o sr. Jayme Ferreira, accommodava-se com a roupa e mettida a viola no sacco, entrava em espirito no seu espirito, palpava, a sério, a firmeza das suas convicções republiqueiras, tomava-lhes o pulso, dava-lhes um balanço e não vinha com este destempero, só proprio de um mamote inexperiente, (sic)—que *nós insultamos desabusadamente as creaturas que, com sacrificio das suas commodidades e da sua bolsa, assistiram ao jantar.* Com raras e honrosas excepções, pouquissimos seriam os que desmentissem as nossas palavras, e nem o fazer-se este juizo das convicções politicas dos convivas, muitos dos quaes são nossos amigos, involve offensa ao seu caracter, porque, assim como milhares de monarchicos, sem guardar o lucto pezado, se bandearam com a Republica triumphante, como o sr. Jayme Ferreira, se ámanhã se voltasse o bico ao prégo, galgava-se a prancha para o lado da monarchia e davam-se vivas a D. Manuel!

E' ordem do mundo; o barro humano, em geral, não tem outra consistencia e as cousas, por mais voltas que se lhes dê, são sempre o que são, e não o que nós desejamos que sejam.

Então, aqui p'ra nós que ninguem nos ouve, o sr. Jayme Ferreira que era um dos amphitriões da festa, no caso d'uma contra revolução triumphante, ainda lhe sobraria grude de *adhesivo* á Republica, ou não começaria elle a derreter-se-lhe todo pelas pernas abaixo antes do tempo?

Então se os *paivantes* entrassem pela fronteira e por fim, cantassem victoria, o sr. Jayme Ferreira, republicano de via reduzida, vendo apagar-se-lhe para sempre a esperança de *afocinhar*, como nós outros, na gamella orçamental, para o que o sr. Jayme já vai preparando terreno e dando annos ao officio, seria então capaz v. ex.ª, de roer o pão duro do ostracismo politico, praticaria o heroismo de ser republicano?

Mas se o sr. *Manara* entende que todos os convivas, com o baptismo da paparoca, ficam de pedra e cal, d'alma e coração para encararem firmes a dura provação de um triumpho monarchico, encafue nova remessa de *adhesivos* nos Paços do Concelho, para uma comezaina em fórma, metta lá todos os *thalassas*, a tanto por caveira, a vêr se, com uma pinga e dois brindes, a brotoeja outoniça de republiqueiro se lhes pega ao couro, e fica o sr. Jayme Ferreira com gente em barda e d'uma cana, para o seu fallido centro e para 10 batalhões voluntarios, se tanto fôr preciso, evitando-lhe assim mais tristes figuras.

A outra heresia que nos valeu excommunhão maior e arrugou, em extremo, o supercilio do sr. president *Manara*, foi o seguinte:—*uns republiqui-*

ros outoniços, serodios, com adhesivo e sem elle, uma escumalha rajada de todos os vicios e manhas que tão fundo derrancaram os corrilhos da escalavrada monarchia.—Apezar de pescarmos da arte, este periodo não nos saiu do *torno* artisticamente acepilhado. A's vezes, falta de ferro ou lixa. No emtanto é um *piãozinho* da nossa lavra de curioso, com bico de encaixe, como se dizia no tempo em que eu o jogava, e que o sr. presidente *Manara* embirrará de aparar á unha. Cada um atamanca como sabe, na medida das suas forças. Tinhamos ali madeira á farta e de buxo, para duzias de *piões* e *piorrinhas* que haviam de *zenir* e *dormir*; e então n'este lavadouro viriam á baila porcarias inuteis e desnecessarias, note-se bem, hoje rubricadas com os protestos vehementes de toda a população escandalisada d'esta villa; mas é melhor ficarmos por aqui.

Se o tempo que vai correndo se compadecesse com desforços de certa ordem, sua ex.ª e sr. presidente *Manara*, ao menos por decôro de nós todos, após o dia 28 de maio ultimo devia ser corrido para nunca mais aqui voltar, pelos elementos conluiados de todos os partidos, do mais ferrenhamente conservador ao mais abertamente radical. Isto aqui perdeu já a linha da velhacaria cautelosa, da seriedade estudada, para tombar no dominio da garotice reles, a precisar da troça que n'outros tempos desopilava na panella ao rabo e na laranjada do rapazio. Em todas as luctas eleitoraes nos ultimos tempos da monarchia em que o caciquismo era regulo, á beira da urna houve sempre aqui, da parte de uns e outros, o maximo respeito, seja dito para honra de todos. Garotices porcas e indecentes são nodoas que não alastram nos fastos politicos d'esta terra.

Mas saltemos por cima d'este monturo, com o dedo no nariz. A nossa dedicação e respeito pela democracia impõe-nos silencio, e só lamentamos que o fulgor das suas perfeições seja, ás vezes, levemente manchado pelas mizerias e baixezas de serventuarios que a não comprehendem, porque nunca carinhosamente a sentiram, e por isso a não respeitam, nem estimam.

E. S.

Cacia, 19

Andou no domingo fazendo exercicio na estrada de Angeja, proximo d'esta freguezia, o batalhão de Voluntarios da Republica aveirense, que attrahiu ao local das manobras avultado numero de pessoas.

Commandava-o o sr. capitão Pedreira e mais dois officiaes, notando-se da parte dos patriotas que o compõem notavel destreza no manejo das armas.

Grande exemplo de amor patrio é este que não podemos deixar de apreciar, saudando d'aqui os briosos mancebos da capital do districto.

═══ Na Quintã foi assaltada a casa do sr. José Simões Peixinho levando-lhe o gatuno ou gatunos, um cordão com moeda d'ouro, alguns anneis e cerca de 7$000 réis em dinheiro sem que até hoje tivessem apparecido quaesquer indicios por onde se chegasse a saber quem elles fossem.

Resultado das complacencias que a auctoridade costuma ter com certos marmanjões já conhecidos como ratoneiros.

═══ Retiraram já para Ericeira e Estoril, os srs. Manuel Dias dos Santos e Henrique Gomes Vieira.

═══ Consta que a quando da detenção do celebre padre Salomão em Aveiro, houve aqui quem punissse por elle chegando alguem a envidar esforços junto de pessoas amigas e de cathegoria no partido republicano para que o masmarro fosse posto em liberdade. Sabemos, porém, que as *cunhas* não deram resultado attendendo a que os tempos agora são outros e a pessoa alguma é licito intormetter-se aonde não é chamada, principalmente tratando-se de coisas de justiça.

═══ O calor continua suffocante, quasi insupportavel.

C.

Castello de Paiva, 11

Cumprimentamos o nosso collega de *O Democrata*, da freguezia de Sardouro, cujas correspondencias tão apreciadas teem sido.

Entre a nossa freguezia e a do collega ainda se mette uma outra, havendo portanto uma grande distancia e falta mesmo de conhecimentos; mas seja como fôr, vamos dizer alguma coisa ácerca do procedimento do que não caminha sem o auxilio das molêtas.

Junto com um seu collega foi a casa d'um parochiano d'esta, dono d'uma capella em ruinas, comprando alguns objectos pela quantia de 90$000 réis, por conta dos quaes deu metade, ficando a dever outra metade. Disse a uma rapariga, sua parochiana, que fosse á doutrina e não quizesse ser como o *burro* do avô, que era republicano!... Nada d'isto, porém, nos admira porque em todo o concelho e principalmente no logar de Castello, tudo corre assim. Se não fôra a confiança que temos no governo provisorio, deputados e exercito, já teriamos retirado para o estrangeiro, é claro sem outro intuito que não fosse apenas o de fugirmos aos encommodos moraes que com a attitude de certa gente temos soffrido.

Nunca nos persuadimos que tivessemos de vêr tanto como aquillo que temos presenciado. E' de mais.

C.

ANNUNCIOS